



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALICIA DE OLIVEIRA DA CRUZ

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA SOBRE A FARAÓ HATSHEPSUT E SUA
LEGITIMAÇÃO AO TRONO EGÍPCIO POR MEIO DA TEOGAMIA DO SEU
NASCIMENTO DIVINO DURANTE A XVIII DINASTIA**

GUARABIRA-PB

2023

ALICIA DE OLIVEIRA DA CRUZ

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA SOBRE A FARAÓ HATSHEPSUT E SUA
LEGITIMAÇÃO AO TRONO EGÍPCIO POR MEIO DA TEOGAMIA DO SEU
NASCIMENTO DIVINO DURANTE A XVIII DINASTIA**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Prof^a Dra. Dayane Nascimento Sobreira

GUARABIRA-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C957a Cruz, Alicia de Oliveira da.
Uma análise historiográfica sobre a faraó Hatshepsut e sua legitimação ao trono egípcio por meio da teogamia do seu nascimento divino durante a XVIII dinastia [manuscrito] / Alicia de Oliveira da Cruz. - 2023.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira, Departamento de História - CH. "

1. Hatshepsut. 2. Teogamia. 3. Mulheres. 4. Antiguidade. I.
Título

21. ed. CDD 932

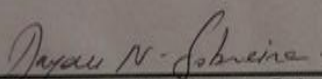
ALICIA DE OLIVEIRA DA CRUZ

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA SOBRE A FARAÓ HATSHEPSUT E SUA
LEGITIMAÇÃO AO TRONO EGÍPCIO POR MEIO DA TEOGAMIA DO SEU
NASCIMENTO DIVINO DURANTE A XVIII DINASTIA**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

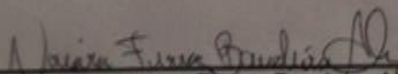
Aprovada em: 27/11/23



Profª Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora



Profª Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba



Profª Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico esta pesquisa à minha mãe, meu pai e minha irmã, com todo meu amor, carinho e dedicação. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Durante todo meu percurso como graduanda do curso de Licenciatura em História, tive a oportunidade de viver grandes momentos incríveis, felizes e encantadores no ambiente universitário, alguns que exigiriam muito empenho da minha parte. Neles, consegui ter a experiência de obter e também compartilhar muitos conhecimentos, que jamais esquecerei.

Agradeço a Deus por todas as vezes que orei e o senhor me proporcionou força, coragem, sabedoria e capacidade para conseguir continuar firme e forte e não desistir. À minha mãe Josuelma por todo incentivo, escuta e por seu colo acolhedor, ao meu pai Walter por sempre acreditar nos meus sonhos e por todas as vezes que alugou ou pediu emprestado o DVD do filme *A Múmia (1999)*, para assistir comigo na infância, fazendo nascer o meu amor e encanto pelo Egito Antigo. Se essa pesquisa existe com certeza tem uma influência desses momentos. À minha irmã Giovana por todas as vezes que me contou piadas para me descontraír quando eu estava preocupada ou não me sentindo capaz, obrigada por sempre me apoiarem e por serem os melhores pais, irmã e amigos. À Cecília, por todo companheirismo, carinho e amor, também por todo apoio e palavras ditas para me acalmar e tranquilizar quando pensei que não iria conseguir, saiba que você foi sempre a minha calma-ria.

Às minhas amigas do “fundão”, entre elas: Vitória, Bianca, Rafaela, Milena, Silmara e Kaylane, por todos os momentos de alegrias, descontração, conversas, reflexões e desabafos durante nossas viagens no ônibus da universidade; sou muito agradecida pela grande amizade de cada uma de vocês. A “equipe g”, pela amizade, pelas conversas, pelas risadas mesmo em meio a tempestades, vocês foram sinônimo de irmandade.

As professoras e professores que pude ter a oportunidade de conhecer durante minha trajetória de graduação no Campus III da UEPB, entre eles, minha orientadora: Dayane Nascimento Sobreira, por todo apoio e por acreditar na minha pesquisa desde que ela era apenas ideias ainda não concretas, obrigada por todo auxílio e ensinamento, muito orgulhosa e feliz em tê-la como orientadora. À Susel Oliveira da Rosa, Alômia Abrantes, Joana Dar’k Costa, Edna Maria Nóbrega, Naiara Ferraz, Luciana Calissi, Carlos Adriano Ferreira e Dmitri Bichara, sou muito

grata por todos os conhecimentos compartilhados que obtive com vocês, tenho muito orgulho por cada um fazer parte do meu caminho percorrido durante o curso.

RESUMO

Esta pesquisa tem o intuito de analisar a teogamia da faraó Hatshepsut, como meio de legitimar sua ascensão ao trono egípcio durante a XVIII Dinastia do Egito Antigo. Hatshepsut foi uma princesa, rainha e inclusive faraó, que apesar de destacar-se entre as demais que chegaram ao mesmo posto, ainda tem a sua história de vida pouco contada e um reduzido número de fontes sobre seu reinado, se comparado aos estudos sobre os faraós masculinos, principalmente, na historiografia brasileira. Sabe-se que as mulheres na antiguidade egípcia tiveram certa autonomia, liberdade e poder na sociedade, sendo Hatshepsut uma dessas mulheres e que teve um governo próspero no referido período. Diante das diversas obras arquitetônicas do seu tempo de reinado, podemos encontrar em uma delas a narrativa denominada teogamia, ainda hoje registrada nas paredes do templo da faraó: Djoser-Djoseru "*Maravilha das Maravilhas*", em Deir El-Bahari, localizado na antiga Tebas. Esta que teria se tornado base de alguns estudos e análises discutidas por historiadores e egiptólogos, sobretudo, europeus no último século. No entanto, essa análise parte de pesquisas brasileiras ou traduzidas para o português. Escolhemos três dessas pesquisas historiográficas para estudo, problematizando desde como os autores apresentaram e desenvolveram suas pesquisas, até a narrativa em si, dando ênfase também em como o contexto e lugar social dos historiadores influenciaram ou não na sua escrita e análise documental sobre a temática, especialmente, sobre a faraó em questão.

Palavras-chave: Hatshepsut; Teogamia; Mulheres; Antiguidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the theogamy of the pharaoh Hatshepsut, as a means of legitimizing her ascension to the Egyptian throne during the XVIII Dynasty of Ancient Egypt. Hatshepsut was a princess, queen and even pharaoh who, despite standing out among the others who reached the same position, still has her life story little told and a small number of sources on her reign, compared to studies on male pharaohs, especially in Brazilian historiography. It is known that women in ancient Egypt had a certain amount of autonomy, freedom and power in society, and Hatshepsut was one of these women who had a prosperous government during this period. Among the various architectural works of her reign, we can find in one of them the narrative known as theogamy, still recorded today on the walls of the pharaoh's temple: Djoser-Djeseru "Wonder of Wonders", in Deir El-Bahari, located in ancient Thebes. This would have become the basis of some studies and analyses discussed by historians and Egyptologists, especially Europeans in the last century. However, this analysis is based on Brazilian research or research translated into Portuguese. We chose three of these historiographical studies to study, problematizing everything from how the authors presented and developed their research, to the narrative itself, also emphasizing how the context and social place of the historians influenced or not their writing and documentary analysis on the subject, especially on the pharaoh in question.

Keywords: Hatshepsut; Theogamy; Women; Antiquity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Egito Antigo durante o governo de Tutmés III (aproximadamente 1457-1425 a.C.).....	12
Figura 2 – Egípcias dançarinas e musicistas.....	18
Figura 3 – Faraó Hatshepsut.....	20
Figura 4 – Templo Djeser-Djeseru(maravilha das maravilhas) da Faraó Hatshepsut em Deir El-Bahari.....	25
Figuras 5 e 6 – Amon e a rainha Ahmés	30
Figuras 7 e 8 – O deus Khnum e a deusa Heket modelando Hatshepsut.....	32
Figuras 9 e 10 – A rainha Ahmés segura Hatshepsut após o seu nascimento .	33
Figuras 11 e 12 – Hatshepsut e seu Ka são amamentados pela deusa Hator..	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 (RE)PENSANDO O PAPEL DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE EGÍPCIA.....	16
2.1 HATSHEPSUT: DE PRINCESA À FARAÓ.....	20
3 A TEOGAMIA DO NASCIMENTO DIVINO DA FARAÓ.....	28
3.1 LUGAR SOCIAL, MÉTODOS E SUAS PROBLEMÁTICAS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

No Egito Antigo, diferentemente de algumas sociedades presentes na Antiguidade e em outros períodos históricos, as mulheres tiveram algumas garantias individuais como o direito a exercer profissões, solicitar o pedido de divórcio, influenciar na área política, administrativa, realizar diversas atividades ligadas ao cotidiano dentro ou fora do lar e também ocorrendo alguns casos no qual elas chegaram a ocupar um posto que ainda é pouco retratado, que é o de faraó soberana do Egito.

Apesar de quase sempre ter sido um lugar ocupado por homens, algumas mulheres conseguiram ascender ao trono egípcio, mas, por ser algo que ocorria com pouca frequência, a maioria delas foram pouco registradas nos documentos e narrativas históricas. Primeiro por terem passado pouco tempo no trono e segundo porque pouco restou sobre a sua história e realizações durante o tempo de governantes. Porém, uma delas se sobressai, por ela ter governado durante aproximadamente vinte anos e por ter deixado muitos registros arquitetônicos de suas realizações: Hatshepsut, uma soberana faraó da XVIII Dinastia.

Figura 1 – Mapa do Egito Antigo durante o governo de Tutmés III (aproximadamente 1457-1425 a.C.)



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/XVIII_dinastia_eg%C3%ADpcia
Acesso em: 30 ago. 2023

A XVIII Dinastia, inclusa entre as três do que conhecemos como Novo Império (aprox. 1550 a.c – 1070 a.c), é uma das mais marcantes da história Egípcia diante dos seus diversos acontecimentos envolvendo poder, conquistas territoriais, crescimento econômico, governos polêmicos, uma reforma religiosa implementada pelo faraó Akhenaton, e também na qual Hatshepsut subiu ao trono e foi uma faraó marcada por sua boa liderança e estratégias de poder, mesmo sendo incomum que uma mulher subisse a este posto como o próprio deus Hórus vivo.

No mapa acima observamos a configuração territorial do Egito num período próximo ao governado por Hatshepsut. A ausência de informações mais detalhadas nesse quesito traduz também a própria justificativa desse trabalho: precisamos saber mais sobre essa mulher faraó ainda relativamente pouco estudada pela historiografia brasileira.

E para esse movimento, a partir dos vestígios arqueológicos das construções do período de seu governo, e principalmente do seu templo em Deir El-Bahari, podemos ter um acesso mais preciso à sua história, às suas expedições, à sua admiração pelo seu pai terreno Tutmés I e seu pai divino, o deus Amon, e inclusive do recorte temático desta pesquisa, a teogamia¹ do seu nascimento divino, legitimador da sua ascensão ao trono egípcio.

No entanto, estudar sobre Hatshepsut e sobre o feminino no Egito Antigo ainda é um desafio. Segundo afirma Perrot (2007), para que se possa escrever uma história precisamos de fontes e documentos, e isso se torna difícil quando nos referimos à história das mulheres, pelo fato que seus vestígios muitas vezes foram apagados e seus arquivos destruídos. Confirmando esta ideia no presente caso, porque parte da memória de faraó de Hatshepsut foi apagada décadas após a sua morte e seu nome não consta na lista de faraós egípcios, por exemplo. Um projeto dirigido por Tutmés III e também outros governantes, sob algo muito prezado e que preservava um bom além-vida: ser lembrado pelo seu nome e realizações a partir de monumentos, tumbas e templos. Com a danificação destes, poderiam ser esquecidos e até amaldiçoados no momento posterior à morte.

¹ A teogamia, partindo da mitologia egípcia, é quando um deus tem relações com a rainha esposa do faraó com o intuito de conceber um herdeiro ao trono, sendo diante do mesmo um meio de legitimar o poder de ascensão como faraó do Egito.

É fato que na historiografia existe um amplo campo documental a respeito do Egito Antigo. Como livros, artigos, documentários, podcasts e etc. Diante que refletir sobre a civilização egípcia é algo que desperta curiosidade, sendo ainda alvo de muito fascínio de arqueólogos e egiptólogos pela razão de ser uma das que mais deixou vestígios da Antiguidade, desde grandes monumentos até as inúmeras iconografias. Entretanto, ainda é pequeno o número de fontes acadêmicas sobre quem foi Hatshepsut e as mulheres egípcias naquela sociedade, dificultando uma abordagem sobre a temática principalmente quando se refere aos estudos brasileiros, pois são muito reduzidos, escassos.

O que, referente ao masculino e aos governantes faraós do gênero, se encontra diversas fontes, principalmente sobre aqueles que tiveram um governo muito marcante durante o seu reinado, tal como Akhenaton (XVIII Dinastia) e Ramsés II (XIX Dinastia). E perguntamos: porque se retrata tão pouco sobre as mulheres e sobre Hatshepsut em específico? O que talvez se explique pelo fato de que, como afirma a historiadora Lazzarotto (2016), a sociedade machista enaltece os feitos de um faraó masculino mais do que de uma mulher como Hatshepsut, que além de manter o Egito pacífico, governou durante aproximadamente duas décadas.

Sendo então diante dessas pequenas abordagens principalmente brasileiras sobre as mulheres egípcias e, dessa em especial, que se justifica a escolha deste tema em particular. Na esteira da intenção de contribuir para a historiografia brasileira com mais abordagens a respeito da representação feminina em um lugar de poder no Egito Antigo, e de incentivar na ampliação de mais estudos e debates no país sobre esta mulher faraó que foi tão relevante para a história egípcia e que se tornou a governante soberana mulher que se manteve mais tempo no poder do alto e do baixo Egito Antigo.

Logo, o nosso objetivo é analisar a partir da historiografia a legitimação de ascensão ao trono egípcio da faraó Hatshepsut durante a XVIII Dinastia, estudando, mais especificamente, a teogamia do nascimento divino.

Partiremos de um estudo documental das referências disponíveis sobre a faraó estudada, dentre elas: livros, artigos, monografias, teses, etc. O que também a vai caracterizar como uma pesquisa bibliográfica. Segundo afirma Godoy (1995), uma pesquisa documental reúne três aspectos que a pessoa que investiga deve prestar atenção, que são elas: a escolha do documento, o acesso deles e a sua

análise. Aspectos estes que serão desenvolvidos, dando ênfase principalmente à análise, pois será diante de um recorte historiográfico que irei fazer uma análise documental do que já foi escrito pelos historiadores escolhidos sobre a teogamia utilizada pela soberana faraó Hatshepsut no Egito Antigo.

Assim, esse trabalho será dividido em três seções. Em um primeiro momento vamos apresentar quais eram os principais aspectos, papéis exercidos e lugares ocupados pelas mulheres egípcias; no segundo momento, iremos explicar quem foi Hatshepsut e seu percurso até chegar ao trono egípcio, e no terceiro e último momento, descreveremos a teogamia que legitimou a sua ascensão por meio de três análises historiográficas.

2 (RE)PENSANDO O PAPEL DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE EGÍPCIA

De acordo com Barros (2018), um dos movimentos historiográficos mais marcantes ocorridos durante o século XX foi o organizado pela Escola dos Annales. Este que foi de grande importância para o campo da historiografia diante da sua colaboração para o campo de estudo da História. Barros (2018) afirma também que as colaborações deste grupo foram muitas, desde uma história a favor da interdisciplinaridade até uma história-problema, indo contra a uma história factual. O que vai surgir mediante a este movimento o que conhecemos hoje como história cultural, micro-história e também história das mulheres.

Apesar do movimento do grupo dos Annales ter surgido por volta de 1930, a história do gênero feminino ganhou força apenas algumas décadas depois com outro movimento, o feminista e com o advento da Nova História Cultural. Segundo Rachel Soihet (1997, p. 400), “a onda do movimento feminista ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais para o surgimento da história das mulheres”.

Anteriormente as mulheres não tinham muita importância para a historiografia. Segundo relata Perrot (1989), a narrativa histórica tradicional havia reservado pouco espaço para elas, pelo fato de que privilegiavam mais cenas públicas como, por exemplo, a guerra e a política, onde elas quase não apareciam.

Entretanto, a partir do movimento feminista, esse pensamento vai mudar e a história começa a se preocupar em analisar quem foram as mulheres nos diversos tempos históricos, desde suas singularidades, crenças, etnias, classes sociais, etc.

Com o crescente interesse neste recorte temático por meio dos historiadores, compreende-se que as mulheres tiveram papéis muito importantes no decorrer dos períodos históricos, como de autonomia, influência, força e poder. Inclusive presente na Antiguidade, mais especificamente em algumas civilizações como no Império Persa, Kushita e também egípcio.

Na corte persa temos alguns exemplos de mulheres que influenciaram politicamente de alguma forma os homens com quem tinham algum tipo de relação próxima, algumas de forma direta e outras indiretamente. Uma delas foi a Rainha Atossa, que segundo Zanco (2021), teria sido persuadida por um prisioneiro médico que a curou, o mesmo a fez convencer Dario de um ataque primeiramente aos gregos, deixando a conquista dos Citas para depois. “Reflete e desiste de atacar primeiro os Citas; esse povo será teu quando quiseres. A meu pedido,

marcha com teu exército contra a Hélade” (HERÓDOTO, III apud ZANCO, 2021, p.04). O que demonstra a tentativa desta mulher de influenciar e mudar o rumo de uma conquista territorial, influência essa que será perceptível em outro Império de forma muito mais precisa, que é o caso do Império Kushita.

No Império de Kush existiram algumas mulheres que tiveram um papel muito relevante, as nomeadas Candaces. As mulheres que costumavam ganhar esse nome eram aquelas que possuíam alguma relação com o soberano, eram elas: as rainhas, irmãs e mães. As Candaces tiveram papéis importantes no Império, como de conselheiras dos maridos, na sociedade, na política e também como soberanas do governo de forma independente (OLIVEIRA, 2020).

E além de soberanas Kushitas, como os exemplos de: Amarinenas, Maleqereabar e Nawidemak, temos casos como a da Candace Amanitore. Amanitore teria sido uma mulher que exerceu um tipo de co-regência ao lado do seu esposo Natakamani, pois, de acordo com a leitura de iconografias, os dois são retratados similarmente e um ao lado do outro.

Ao serem representados de forma idêntica e lado a lado, as cenas de Amanitore e Natakamani nos parecem demonstrar que eles atuavam de maneira conjunta e que não haveria a centralidade de regência em apenas um dos elementos (OLIVEIRA, 2020, p. 109).

Porém, em outra civilização as mulheres chegaram a ocupar lugares diferenciados na sociedade, de grande influência, independência, autonomia e poder, que foi no Egito Antigo. Esta civilização que até os dias atuais ainda atrai tanto fascínio, curiosidade e investigações a seu respeito diante dos diversos vestígios arqueológicos e arquitetônicos que restaram do seu tempo.

A partir desses vestígios que sobreviveram ao longo dos séculos, é que o egiptólogo francês Jean-François Champollion, fazendo a decifração de hieróglifos no ano de 1822, vai observar que as mulheres possuíam lugares de absoluta admiração no Egito Faraônico, não apenas comparado ao gênero na cultura Greco-Latina, como também no que refere às da sociedade do século XIX (JACQ, 1998). Tanto na sociedade grega ateniense antiga quanto no século XIX, as mulheres tinham um papel geralmente voltado apenas ao lar e à família, ponto que as diferenciavam das egípcias.

De acordo com Noblecourt (1994), a imagem feminina egípcia traduzia o amor, a fecundidade, a mãe, a que dá vida ou vela o morto. Aspectos que remetem à própria deusa Ísis, que foi muito relevante na mitologia egípcia por ser esposa de um dos deuses mais importantes do Egito, o deus Osíris, e por ter fecundado o deus Hórus, que é um símbolo de proteção do trono egípcio. Se tornando a deusa um modelo exemplar de esposa, rainha e mãe para as egípcias (JACQ, 1998).

No entanto, como foi relatado, o papel das mulheres egípcias foi muito além do maternal e matrimonial, como nos apresenta a imagem abaixo e como traz Lazzarotto (2016):

[...] a vida da mulher egípcia nunca se restringiu apenas ao lar, as egípcias juridicamente podiam exercer atividades públicas, assumindo as mais diversas profissões incluindo a de escriba. Inúmeras são as representações, por exemplo, de mulheres efetuando comércio em locais públicos ou atuando autonomamente como dançarinas, flautista ou cantoras (LAZZAROTTO, 2016, p. 11).

Figura 2 – Egípcias dançarinas e musicistas



Fonte: <http://arqueologiaegipcia.com.br/2017/01/22/a-lei-da-frontalidade-entendendo-as-pinturas-egipcias/>

Acesso em: 30 ago. 2023

Havendo também outros exemplos significativos de atividades exercidas pelas mulheres egípcias, como, por exemplo: a medicina, mordoma real e inclusive de juíza. Como destaca Noblecourt (1994), o exemplo de uma mulher juiz e vizir da VI Dinastia, o nome dela era Nébet uma segunda sogra do faraó Pépi I, e a egiptóloga afirma que talvez ela tivesse alcançado este posto por ser de uma família muito poderosa. Pontuando algo que também deve ser destacado, que possivelmente nem todas as mulheres alcançaram um cargo de importante

prestígio na civilização egípcia. Porque, mesmo possuindo uma influência fora do lar doméstico, as que chegaram a cargos importantes geralmente eram aquelas que estavam em um lugar mais alto na hierarquia do Egito (WIEDEMANN, 2007).

Ademais, é perceptível que a posição feminina é marcada sim por uma liberdade, porque elas ainda poderiam administrar seus próprios bens, denunciar o marido se sofresse maus tratos e até solicitar o divórcio sem precisar do consentimento do marido ou dos pais (CARIA, 2013). E mesmo diante de tantos aspectos já aqui pontuados referentes às egípcias, existe um que merece um importante destaque, por fazer parte do tema desta presente pesquisa.

Apesar do prestígio social de suas mulheres, se comparadas com outras de mesma época, o Egito antigo não era, de forma alguma, um matriarcado. O poder de fato repousava nas mãos dos homens, que detinham os grandes cargos públicos e estabeleciam a burocracia que governava a terra (WIEDEMANN, 2007, p.110).

Logo, ainda que poucas vezes registrado e quase sempre representado como citado acima pelo gênero masculino, houve casos de mulheres que conseguiriam por alguma razão chegar ao poder, inclusive o maior deles o de governantes, ou, melhor dizendo, soberanas faraós do Egito Antigo.

Constata-se que o faraó era o rei, o governante do alto e do baixo Egito, era a representação do próprio deus Hórus vivo na terra, sendo um ser em parte divinizado.

Fundiam-se no rei uma pessoa divina e uma pessoa humana, formando uma personalidade única e incomparável, eixo de uma civilização que se estendeu ao longo de vários anos milênios e cuja grandeza vamos descobrindo a cada dia que passa (JACQ, 2010, p. 21).

Além disso, o faraó estava no centro da história, do pensamento e da sociedade do Egito Antigo; era um descendente dos deuses e, nesta qualidade, deveria velar sobre o seu tesouro de mais preciosidade, o Egito (JACQ, 2010). Muito é retratado sobre o masculino neste lugar de poder, diante que geralmente era em suas mãos que estava o governo das Duas Terras.

Portanto, como mencionado anteriormente, algumas mulheres também conseguiram ascender a este lugar de liderança e poder. Como, por exemplo: Nitócris (VI Dinastia), Sobekneferu (XII Dinastia), Tausert (XIX Dinastia) e inclusive a escolhida para este estudo, Hatshepsut (XVIII Dinastia).

Robins (1996) afirma que uma mulher no governo não era uma opção comum no Egito Antigo. Perante que, ocorreram poucas vezes de uma egípcia ascender ao trono durante os aproximadamente três milênios da civilização e as mesmas teriam chegado ao posto em períodos de agitação, ao fim de uma grande dinastia, em um momento de fraqueza da monarquia ou para substituir faraós que eram muitos jovens (NOBLECOURT, 1994).

Podendo ser essa também uma das possíveis dificuldades de encontrar mais documentações a respeito dessas mulheres que foram faraós, além do curto tempo que elas governaram o Egito, pois, entre as quatro citadas, três delas governaram menos de dez anos, sendo apenas uma delas que teria permanecido no trono cerca de duas décadas, a nossa personagem.

2.1 HATSHEPSUT: DE PRINCESA À FARAÓ

Figura 3 – Faraó Hatshepsut



Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544450>
Acesso em: 30 ago. 2023

A bela Hatshepsut, como apresentada acima em trajes idênticos de um faraó, foi uma mulher muito importante na hierarquia egípcia. Princesa, rainha e em

seguida governante do Egito, teve, como seus antepassados, e também costume egípcio, sua imagem representada em muitos relevos, estátuas, monumentos, etc., que ajudaram os egiptólogos a conhecer parte da sua história. De modo a ser lembrada para eternidade, a soberana foi retratada como rainha e depois da sua nomeação, gradativamente como um “verdadeiro” faraó, conforme podemos observar na Figura 3.

Nessa imagem ela está portando um saiote *shendyt*, um toucado *nemes* com *uraeus* (adereço em forma de serpente), que parece ter sido quebrado, diante de que boa parte da estátua está relativamente bem conservada, e eram utilizados pelos faraós como um símbolo de proteção, incluindo também ao lado de suas pernas, mais precisamente no trono, inscrições ao seu respeito, como amada de Amon, senhoras das duas terras e ainda seu título de Maatkara (SOUZA, 2010).

Hatshepsut era filha do faraó Tutmés I e da rainha Ahmés; não foi a única filha do casal real, mas a que viveu durante mais tempo porque seus irmãos morreram ainda muito jovens. Então, após a morte do seu pai, precisou unir-se matrimonialmente com um meio-irmão, filho do faraó Tutmés I com uma esposa secundária, pois Hatshepsut era filha da Grande Esposa Real². Tornando-se o elo que legitimaria o filho desta segunda esposa: Tutmés II, como faraó do Egito e a transformando agora também na Grande Esposa Real (LAZZAROTTO, 2016).

De princesa à rainha, Hatshepsut recebeu ainda outro título, o de Esposa do deus Amon³. Este conhecido como rei dos deuses e uma das deidades mais importantes de Tebas; foi muito relevante na civilização egípcia desde Dinastias anteriores. Também será na XVIII e, mais precisamente durante a trajetória de Hatshepsut, que a partir deste título que sua filha receberá depois, teria uma ligação com o deus e apesar de pouco ter sido encontrado sobre as reais funções que as mulheres com essa nomeação tinham; muitas cenas mostram que em circunstâncias ritualísticas o papel delas era semelhante ao de sacerdotisa (SOUSA, 2010).

² A Grande Esposa Real teria ocupado ao lado do faraó um lugar de muito prestígio, se unindo até mesmo à sua origem divinizada. Os futuros faraós deveriam ser filhos dela, caso contrário, sendo ele filho apenas do faraó com uma esposa secundária se faz necessário comprovar sua divindade, unindo-se então a uma meia-irmã, filha do principal casal real (NOBLECOURT, 1994).

³ O deus egípcio Amon, conhecido por ser o rei dos deuses, representado de diversas formas, como animal e humano teve também seu nome interligado ao deus sol Ra. Por essa razão, em alguns estudos de egiptólogos e historiadores ele é intitulado como Amon-Ra.

No entanto, ocorre algo inesperado, o jovem rei Tutmés II, com um reino próspero pela frente, vem a falecer com poucos anos de reinado, deixando o Egito numa delicada situação (JACQ, 2010). Por ter falecido em pouco tempo como faraó, não possibilitou que o mesmo tivesse um filho homem com Hatshepsut para assumir o trono, pois o casal real até chegou a ter um fruto desse relacionamento, mas, ela era uma menina, de nome Neferura, e esta não poderia assumir o trono fazendo o passado se repetir. Tutmés II, assim como seu pai anteriormente, teve um filho do sexo masculino com uma esposa secundária e este se torna seu sucessor no trono egípcio, que será o faraó Tutmés III.

Apesar da repetição da história, existe um ponto que não retorna a acontecer ou não se possui evidências suficientes que teria acontecido, que é o fato de Tutmés III ter casado com Neferura, a filha do casal real, para legitimar sua ascensão. De acordo com Robins (1996), a mesma nunca teria sido mencionada como esposa do rei.

Todavia, como destaca Sousa (2010) e Jacq (2010), Tutmés III era muito jovem, uma criança de aproximadamente dois ou três anos de idade, sendo ele incapaz de governar de fato um reino, por causa da baixa idade fez com que Grande Esposa Real Hatshepsut tivesse que assumir como regente dele. Algo considerado normal, pois quando um faraó era muito jovem para governar a Grande Esposa Real se tornava regente até o rei ter idade suficiente para tal função.

Durante os primeiros anos de regência, ela ainda sob os títulos de Grande Esposa Real e Esposa do deus Amon, recebe uma notícia que deu início ao futuro que a esperava. O deus Amon vem até Hatshepsut comunicá-la sobre o que se sucederia alguns anos depois.

No vigésimo nono dia do segundo mês do Inverno, no ano 2 do reinado de Tutmósis III [Tutmés III] sucedeu algo extraordinário: o oráculo do deus Amon, no grande pátio do templo de Luxor, prometeu a Hatshepsut que ela reinaria no futuro, sem fornecer uma data precisa. É provável que a estátua do deus, transportada em procissão, se inclinasse diante da rainha e que um sacerdote pronunciasse palavras que exprimiam a vontade do divino senhor (JACQ, 1998, p. 73-74).

Diante dessa informação e antes mesmo desse comunicado se tornar realidade, Hatshepsut começa a apresentar ações precisas de um verdadeiro faraó do Egito, e sendo ela uma mulher, com uma história própria e que se sucederia a

partir dali, inclusive para além dos lugares de “mãe” ou “esposa”, que foram em diversos casos grandes conselheiras e influenciadoras de seus filhos e maridos, se tornando gradualmente em uma monarca e uma governante em parte humana e em parte divina. Segundo destaca Sousa (2010), ainda como rainha regente, ela teria encomendado dois pares de obeliscos, o qual no Novo Império era considerado como um objeto de culto e dedicado do rei para um deus, algo tão marcante que será retratado o transporte destes na Capela Vermelha em Karnak, uma das suas grandes construções de reinado.

Logo, não foi a única atitude que ela teve que apenas um monarca poderia ter. Outro exemplo é ter sido representada realizando oferendas aos deuses de forma direta, o que era feito exclusivamente pelos soberanos do Egito, fortalecendo cada vez mais sua autoridade (SOUSA, 2010).

Prosseguindo os anos, ainda como regente à frente do governo egípcio, Hatshepsut toma uma nova atitude audaciosa que marcou toda sua história. No sétimo ano do reinado de Tutmés III, essa rainha regente assume um novo título para si, o de rei faraônico do alto e do baixo Egito, composto por um cartucho, algo que era específico dos faraós, e este título foi Maatkara (LAZZAROTTO, 2016).

Conseqüentemente a estas construções, ações e título de trono, Hatshepsut, de rainha regente se torna faraó soberana do Egito. Sendo a partir disso, representada e caracterizada aos poucos assim como os seus antecessores, como pôde ser visto na Figura 3.

A data precisa de quando isto de fato ocorreu, de acordo com Jacq (1998) e Sales (2015), teria se sucedido no mesmo ano em que assumiu o nome de trono, o sete do reinado de Tutmés III. Se desvinculando a partir disto dos seus títulos de Grande Esposa Real e Esposa do deus Amon, transferindo o segundo para sua filha Nefurura.

Embora que não se saiba ao certo as razões que levaram Hatshepsut durante XVIII Dinastia a desafiar as tradições e se tornar soberana (ROBINS, 1996), sabe-se que era algo esperado por ela desde que o deus Amon a prometeu o trono, mesmo sem garantir data certa de quando isso aconteceria.

Por ter ascendido ao poder das duas terras do Egito quando regente de Tutmés III, se tornou uma soberana mal vista por alguns egiptólogos e também historiadores, que por ser uma mulher não poderia ter suprido as necessidades do Egito e até mesmo sendo chamada de usurpadora e ambiciosa, pelo egiptólogo e

historiador português José das Candeias Sales (2015) (“muito coincidentemente” um homem) e ele não será o único ter esse tipo de estranhamento quanto à faraó:

As opiniões sobre essa mulher, seja como for, excepcional, ainda permanecem divididas e na sua maioria ainda se revelam detestavelmente tendenciosas. Com efeito, sob a pena de alguns egiptólogos de reputação internacional encontram-se julgamentos entre os quais os menos desagradáveis são enunciados, por exemplo, assim: a “temível Hatshepsut”, [...] “uma usurpadora, pois como pode uma mulher cumprir a função ou enfrentar as necessidades do Egito? (NOBLECOURT, 1994, p.150).

Ponto que Robins (1996) defende, afirmando que Hatshepsut, além de ter tido capacidade suficiente de reinar fez isso de forma próspera, como é presente em suas grandes construções, e que a mesma tinha que ser uma mulher muito forte para romper desta forma com as tradições reais, na qual requeria que este posto fosse ocupado sempre pelo masculino. Algo extremamente relevante que a fez ser marcada na história egípcia pela particularidade do seu caso, mesmo sofrendo um ataque à sua memória de faraó décadas após sua morte, como vimos, e que envolve algumas teorias a respeito. Ainda sim, muito conseguiu sobreviver do seu tempo de monarca, como os exemplos de seus variados monumentos em que é representada como um real faraó, com barba postiça e saiote (em aproximação ao seu lugar de governança, sempre no masculino), em forma de esfinge, como deus, entre outros.

Porém, Hatshepsut, como uma soberana estratégica, além de ser uma boa monarca, ela soube escolher bem seus funcionários, um dos quais é citado com frequência pelos estudiosos da faraó e que ela teria contado bastante com seu auxílio, foi o mordomo real e arquiteto Senenmut. Um grande apoiador e pessoa próxima de Hatshepsut sendo por diversas vezes representado com a própria filha da governante Neferura, o que mostra a ligação com a monarca. Foi até mesmo referenciado como um possível amante da faraó, não sabemos se como destaca Lazzarotto (2016), como uma necessidade de conectar uma imagem masculina a um governo próspero de uma mulher, ou pelo fato de efetivamente ter ocorrido, porque como se sabe, não existe nenhum tipo de indício até hoje que indique de fato que esse relacionamento realmente tenha acontecido.

Foi ao arquiteto Senenmut, afirma Jacq (2010), que Hatshepsut confiou a construção da sua obra de mais magnitude do seu período de reinado, um templo

em Deir El-Bahari de nome *Djeser-Djeseru (maravilha das maravilhas)*, localizado em Luxor, na Tebas antiga.

Figura 4 – Templo Djeser-Djeseru(maravilha das maravilhas) da Faraó Hatshepsut em Deir El-Bahari



Fonte:https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Templo_funerario_de_Hatshepsut,_Luxor,_Egipto,_2022-04-03,_DD_09.jpg
Acesso em: 01 set. 2023

Nele está presente uma parte muito importante do poder e liderança de Hatshepsut, como a sua grandiosa expedição a terra de Punt⁴, toda admiração que teria ela por seu pai terreno, Tutmés I, e seu pai divino, deus Amon, também sendo nele que está representado o tema principal desta referente pesquisa, a teogamia do seu nascimento divino, legitimador da sua ascensão ao trono egípcio.

No terraço intermediário, o pórtico do nascimento foi concebido para explicar a origem divina de Hatshepsut e legitimar seu poder. Com o apoio dos sacerdotes tebanos, ela elabora o mito da teogamia segundo o qual o deus Amon em pessoa foi seu pai (JACQ, 2010, p. 104).

Como havia sido destacado anteriormente, não era comum uma mulher ascender ao trono das duas terras egípcias e principalmente da forma que ocorreu. Então, contado com ajuda religiosa, Hatshepsut elaborou este mito, a teogamia, para demonstrar que como os faraós anteriores, ela também possuía uma origem e

⁴ O deus Amon teria ordenado Hatshepsut para esta jornada a Punt, com a intenção de diminuir a necessidade de depender de mercadores para ter acesso a incensos e óleos, diante que a terra de Punt agora localizado na atual Somália era um local riquíssimo em lápis-lazúli, resinas, madeiras com aromas, ouro, entre outros (BLANC, 2021). A expedição ainda pode ser encontrada em seu templo de Deir El-Bahari.

ligação divina que a fazia capaz reinar no Egito. Encontrado em seu templo em Deir El-Bahari, é retratado por meio de uma narrativa e pinturas iconográficas egípcias, descrevendo desde o momento em que ela teria sido concebida até o seu parto, quando recebeu a benção do seu pai divino, o deus Amon.

Este mito pela sua especificidade, diante do seu grande significado para a monarca permanecer no trono, se tornou alvo de algumas pesquisas apresentadas em algumas obras dos historiadores e egiptólogos: Christian Jacq, José das Candeias Sales, Gabrielle Lazzarotto e Christiane Desroches Noblecourt, já mencionados aqui.

Contudo, para ter acesso e conhecimento desta temática sem precisar ir ao templo *Djeser-Djeseru* da soberana, é necessário ler o que foi produzido pelos egiptólogos ou pela historiografia, e isso nos faz refletir sobre algo importante e que deve ser levado em consideração: “[...] quando vão trabalhar, eles levam consigo certas coisas identificáveis. [...] levam a si mesmos: seus valores, posições, perspectivas ideológicas” (JENKINS, 2001, p. 45). Apesar desta citação se referir aos historiadores ela se reverbera para pesquisadores e estudiosos de um modo geral, que ao fazer a leitura ou análise de um determinado acontecimento histórico, como neste caso, da teogamia de uma mulher na Antiguidade que a fez ascender ao mais alto poder do Egito Antigo, é interessante que se saiba quem e como foi escrito sobre este assunto. Porque muito do que sabemos do passado foi escrito e registrado por homens, como traz Perrot (1989):

[...]No século XIX, por exemplo, os escrivães da história – administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública – deixam bem poucos registros que digam respeito às mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio [...] (PERROT, 1989, p. 09-10).

A autora pontua como por muitas vezes as mulheres foram infelizmente silenciadas, apagadas e esquecidas pelos homens nos registros documentais, e não apenas neles.

As mulheres por muito tempo foram pensadas como um ser coletivo e menos a partir de suas individualidades e vivências pessoais. Eram refletidas como um ser o qual seu lugar deveria ser reservado ao lar e ao cuidado de filhos, marido e casa, sendo diante do momento que contrariava este posto, visualizadas como problemáticas e fora do padrão, o que remete ao caso da faraó Hatshepsut, como

já citado por alguns egiptólogos e até mesmo historiadores que têm a opinião que ela foi uma usurpadora e um ser incapaz de governar as duas terras egípcias, pelo fato dessa visão e padrão que por muito tempo foi levado em conta que: “[...] o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens, e é este que conta” (PERROT, 1989, p. 10), considerando que mulheres não deveriam e nem seriam uma boa opção para tais cargos de autonomia e poder. Então, a importância e a preocupação de se analisar quem escreveu sobre este determinado tema a ser analisado e como ele foi abordado, delimitado e os métodos que foram utilizados pelos autores. É o que faremos na próxima seção.

3 A TEOGAMIA DO NASCIMENTO DIVINO DA FARAÓ HATSHEPSUT

A teogamia do nascimento divino, como já citado anteriormente, foi um mito elaborado para um faraó legitimar sua ascensão ao trono egípcio, principalmente quando o poder deste estaria possivelmente fragilizado ou posto em dúvida. Portanto, alguns faraós recorreram ao mesmo para demonstrar que seu vínculo com um deus concluiria que este era uma pessoa capaz e digna de governar o alto e baixo Egito.

De acordo com Lazzarotto (2016), Hatshepsut teria sido a primeira a recorrer à teogamia como meio de legitimação ao trono egípcio. Este também foi apropriado pelo faraó Amenófis III (XVIII Dinastia), contendo, na sua narrativa, características similares às utilizadas pela soberana e que teria, inclusive, o mesmo pai divino dela, o deus Amon (JACQ, 2010), certificando como este meio teria se tornado eficaz quando aplicado e servindo como modelo para outro faraó da mesma Dinastia.

Logo, apesar dessa similaridade e da mesma ser apresentada por dois dos historiadores aqui escolhidos, como comparação para compreender parte da narrativa de Hatshepsut, esclareço que o foco desta pesquisa será analisar apenas a teogamia da soberana e como esta legitimava que seria digna do trono e capaz de reinar, mesmo sendo uma mulher. Para tanto, utilizaremos como fontes documentais para a análise as seguintes pesquisas:

A primeira será a realizada pelo conhecido egiptólogo, historiador e francês, Christian Jacq. O qual se dedica no seu livro: *As Egípcias. Retrato de Mulheres do Egito Faraônico (1998)*, a abordar a vida e o papel de algumas mulheres egípcias naquela sociedade, trazendo um capítulo apenas para a faraó Hatshepsut. Nele podemos ter conhecimento de sua história, desde princesa à faraó, incluindo também a sua teogamia, presente no capítulo 12 do referido livro. Entretanto, o autor descreve a mesma quase que em forma de síntese e não identificando quais fontes teriam sido utilizadas para chegara ela, muito embora sejam semelhantes aos documentos primários utilizados pelos dois próximos historiadores: Sales (2015) e Lazzarotto (2016).

A segunda análise decorre do estudo realizado por José das Candeias Sales, egiptólogo, historiador e português, no seu livro de nome: *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egito (2015)*. Dividido em duas partes, a primeira é voltada para a legitimação e aspectos do cotidiano egípcio como: tempo e amamentação; a

segunda concentrada no Egito após a conquista de Alexandre, o Grande e o encontro das duas culturas, destinando o capítulo dois da parte I para a narrativa divina da governante, denominado de: “O nascimento divino de Hatchepsut⁵: elementos de um mito político”. No capítulo, o egiptólogo apresenta desde o percurso da faraó para ascender ao trono até a sua morte, reservando cerca de 24 páginas para a análise da sua teogamia, discutindo a mesma em 15 cenas seguidas da narrativa traduzida e de pinturas iconográficas, as quais o autor teria utilizado como fontes documentais: *Ancient records of Egypt; historical documents from the earliest times to the Persian conquest Volume II: The eighteenth dynasty (1906)*, de James Breasted, e *The Temple of Deir el Bahari (1894-1898)*, de Edouard Naville⁶. O primeiro para a narrativa e o segundo para as pinturas iconográficas apresentadas em sua pesquisa, ambos encontrados no templo da faraó.

A terceira e última pesquisa a ser analisada será parte da defesa de conclusão de curso da historiadora e mestre na área, a brasileira Gabriela Lazzarotto. Intitulado de: “*Que ela possa reger as duas terras, que ela possa conduzir todo o vivente*” – *uma análise da teogamia de Hatshepsut como filha de Amon (2016)*, a autora trabalha não apenas com a narrativa divina, como também dedica o primeiro capítulo para uma análise bibliográfica a respeito das mulheres egípcias e depois dando prosseguimento para a trajetória de Hatshepsut até o uso da teogamia. A historiadora recorre a uma das fontes que Sales (2015) utilizou para analisar a teogamia, que é o livro do James Breasted (1906) e também a uma segunda em francês, nomeada de: *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne égypte (1984)*, de Claire Lalouette.

A narrativa inicia, como apresentado por Sales (2015), como deus Amon em conjunto com outros deuses do panteão egípcio pronunciando seu intuito e desejo de trazer um novo rei para o mundo, os quais, em concordância, dão consentimento para que o realize. Com ajuda do deus da sabedoria Tot, Amon encontra então uma mulher nobre para gerar o seu filho, a rainha Ahmés, esposa de Tutmés I. Entretanto, infidelidade era algo digno de condenações severas no antigo Egito e

⁵ O nome da faraó aparece algumas vezes de formas diferentes. Como pode ser observado aqui, onde Sales (2016) utiliza o C ao invés do S. Ao longo do trabalho optamos pelo uso do seu nome com S.

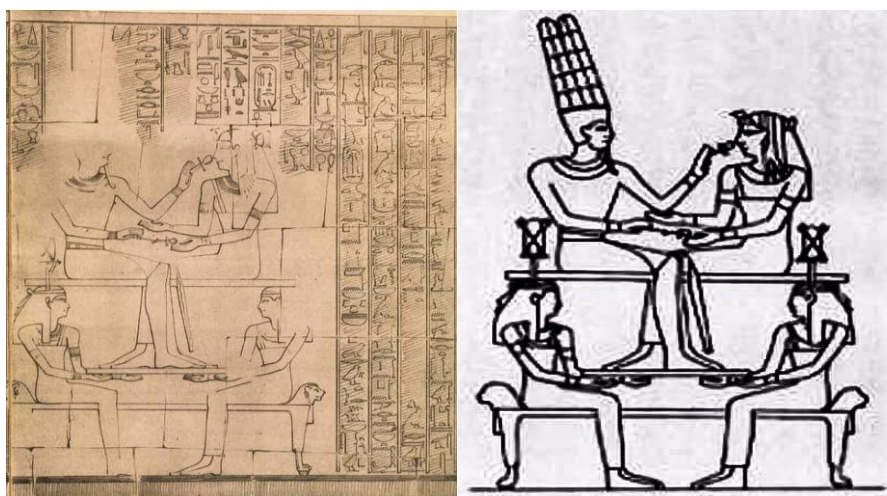
⁶ As fontes foram organizadas por esses autores. Acessei algumas informações que dizem que James Breasted teria reunido vários documentos históricos do Egito e traduzido para o inglês. Já Edouard Naville teria descrito sobre as escavações feitas por ele no séc. XIX e da primeira descrição completa do templo.

como meio de não desonrar a rainha a narrativa apresenta que Amon teria se transfigurado no faraó Tutmés I, esposo e faraó, para tal ato.

Coincidemente ou não, Jacq (1998) relata neste ponto que o deus, ao entrar nos aposentos de Ahmés, estaria perfumado com aromas encontrados nas árvores de incenso de Punt (lugar onde a soberana organizou uma expedição a pedido do pai divino), o qual seu esposo, inclusive, possuía e que esse teria a despertado. O deus então se envolve com Ahmés, realizando o concebimento da futura faraó. Como é explicado na citação e figuras a seguir:

O <<cruzamento sexual>> das duas figuras é nos dado por uma espécie de cruzamento de forças e energias entre os dois personagens: os membros inferiores entrecruzaram-se; com a mão esquerda Amon faz respirar Ahmés entregando-lhe o signo da vida (ankh) e do poder (uas), enquanto a palma da mão esquerda da rainha se coloca sob o cotovelo esquerdo do deus, servindo-lhe de apoio. Amon fecunda a rainha com o sopro divino, ao oferecer-lhe o signo da vida às suas narinas (SALES, 2015, p. 103)(sic).

Figuras 5 e 6 – Amon e a rainha Ahmés



Fontes: NAVILLE (1896, p.59); <https://images.app.goo.gl/ftkQ6zuu2Z4unX3N9>
Acesso em: 22 set. 2023

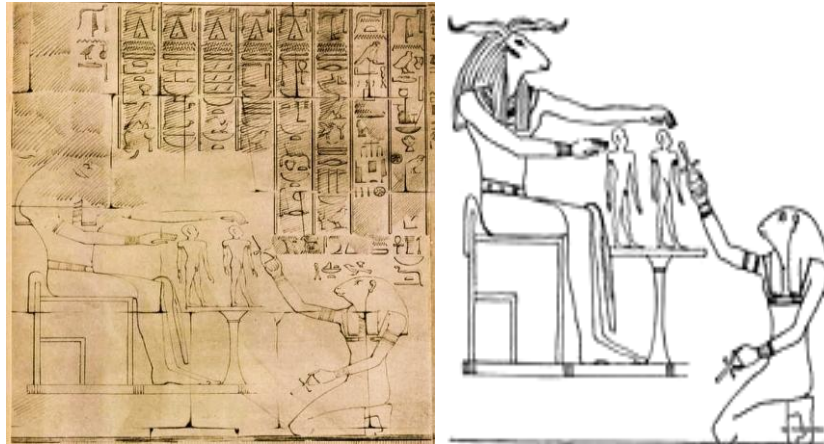
De acordo com Lazzarotto (2016), um dos autores utilizados por ela e também por Sales (2015) para analisar a narrativa, o arqueólogo estadunidense e historiador James Breasted, teria buscado nesta cena tentado camuflar as passagens narrativas que seriam precisas do verdadeiro ato sexual ocorrido pelo deus e Ahmés. A historiadora afirma que ele teria tido uma visão mais recatada sob estas, atitude específica de egiptólogos dos séculos XIX e XX.

Ainda neste momento do concebimento de Hatshepsut, Sales (2015) e Lazzarotto (2016) deixam evidente que a narrativa demonstra que apesar do deus Amon se transformar em Tutmés I, a rainha Ahmés teria pleno consentimento que era o deus Amon e não seu esposo, pois, no decorrer da narrativa é descrito que ele teria se apresentado em forma divina para a mesma, que sabendo disso ainda sim permitiu que o ato acontecesse sem nenhuma recusa. Algo que não será destacado ou apresentado por Jacq (1998) durante sua análise.

Prosseguindo a narrativa, o deus Amon escolhe então o nome que será dado à sua querida filha e futura governante, que é Khnemet-Amon-Hatshepsut, como afirma Lazzarotto (2016): “primeiramente a faraó é chamada de ‘a amada de Amon’ (Khnemet), ou seja, por quem o deus tem afeição. Depois é referida como a filha depositada no corpo de Ahmose [Ahmés]” (LAZZAROTTO, 2016, p. 33). Demonstrando o quanto ela foi amada e desejada por Amon desde o ventre da sua mãe, a rainha.

Amon, após nomear sua filha confia ao deus criador e gerador da vida Khnum de esculpir Hatshepsut, o qual cumpriu a ordem dada, usando parte do próprio deus para o procedimento. Este realizado partindo da união do corpo da criança ao Ka (espírito, essência), sendo então diante deste feita a unificação do mortal e imortal em um único ser. Enquanto o deus executa a tarefa, pronuncia muitas qualidades a ela, inclusive a garantindo o trono do deus Hórus (JACQ, 1998). Podendo ser observado na mesma cena a presença da deusa Heket, esta que seria deusa da fertilidade e do parto, oferece a Hatshepsut o *ankh* (símbolo da vida), como pode ser visto nas figuras a seguir:

Figuras 7 e 8 – O deus Khnum e a deusa Heket modelando Hatshepsut

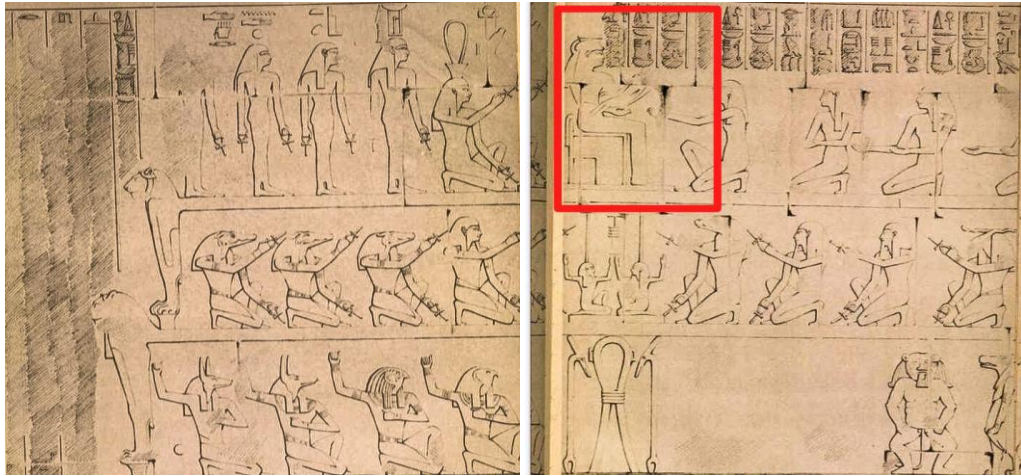


Fontes: NAVILLE(1896, p.61);<https://images.app.goo.gl/qRPE7BaHbqRrkjYq9>
Acesso em: 22 set. 2023

A partir deste momento Tot anuncia à rainha Ahmés a felicidade de Amon quanto à criança que se encontra no seu ventre, a futura herdeira do trono. Sendo ela, logo após esta cena, encaminhada para a sala de parto, conduzida pelos deuses que modelou e deu vida à criança Khnum e Heket, os quais ao entrar na sala encontram outros deuses que estavam presentes à espera, entre eles: Ísis, Mesquenet, Néftis, Tauseret, Heket, Bés e também o próprio Amon.

Porém, com o alto índice de mortalidade prematura no Egito Antigo, Sales (2015) e Lazzarotto (2016) vão destacar que a presença dessas deidades no parto teria como intuito proteger e garantir que o mesmo não tivesse nenhum tipo de risco, sendo conduzido e concluído com sucesso. O que de fato ocorreu, segundo a narrativa, como poder ser observado a seguir: Ahmés na sala de parto na presença dos deuses segurando Hatshepsut.

Figuras 9 e 10 – A rainha Ahmés segura Hatshepsut após o seu nascimento

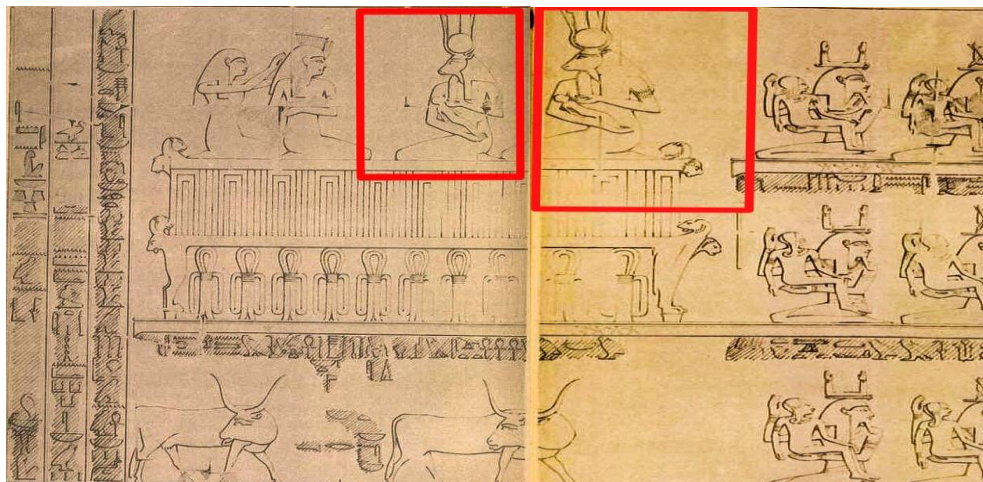


Fonte: NAVILLE (1896, p. 65-66)
(Destaque nosso)

Após o nascimento, Hator, a deusa do amor e da fertilidade, segura a criança e a apresenta ao deus Amon, que fica muito alegre e contente com o nascimento de sua filha, Hatshepsut, como um verdadeiro pai que tanto a desejou. “Quando vê sua filha, Amon-Ra avança para ela, rejubilante; é a deusa Hator que lhe apresenta Hatshepsut, nascida da Luz divina” (JACQ, 1998, p. 77).

Nesta presente cena, Sales (2015) afirma que a criança estaria sendo representada como um menino, não como uma menina e que esta traz uma dupla natureza: “o filho (o rapaz) representa a função masculina e os pronomes que designam Hatchepsut afirmam a sua personalidade feminina” (SALES, 2015, p. 116). Filha esta do deus Amon, logo é apresentada ao lado de seu Ka amamentados separadamente pela própria deusa Hator em forma de vaca celeste, considerada sua mãe divina, transferido pela amamentação juventude e energia para a futura governante do Egito (JACQ, 1998). Algo que foi demonstrado nas pesquisas dos três historiadores analisados.

Figuras 11 e 12 – Hatshepsut e seu Ka são amamentados pela deusa Hator



Fonte: NAVILLE(1896, p.69-70)
(Destaques nossos)

Chegando ao final desta narrativa do nascimento, a faraó é levada aos deuses juntamente com seu Ka, onde ambos receberam muitas bênçãos, fato apresentado tanto por Jacq (1998), que continua seu livro dando seguimento ao reinado dela, quanto por Lazzarotto (2016), que finda seu estudo neste ponto com o debate a respeito de como Hatshepsut foi diversas vezes citada como rei das duas terras, tendo o deus Amon, diante de sua vontade, conquistado o que tanto almejava.

A faraó refere-se a si inúmeras vezes como “rei do alto e baixo Egito” e reitera ser digna de ocupar tal titulação, por todas as dádivas que seu pai divino Amon lhe concedeu. [...] demonstra como ele atuou para cumprir seu desejo de gerar uma filha (LAZZAROTTO, 2016, p. 40).

Diferentemente destes, Sales (2015) segue um pouco mais a narrativa e a conclui com a exibição de uma pintura iconográfica em que os deuses Anubis e Khnum estariam estabelecendo o tempo de vida da soberana, pelo fato de Khnum ser ligado à vida e Anubis à morte, sem muita explicação, mas, continuando sua pesquisa até a morte de Hatshepsut, realizando algumas críticas quanto à mesma, por ter sido ela uma mulher no trono egípcio.

Porém, podemos observar que a narrativa tem como seu principal intuito demonstrar o quanto Hatshepsut foi desejada e querida pelo seu pai divino Amon e que antes mesmo de ser concebida já lhe havia sido reservado o trono egípcio, pois era a vontade do deus. Não sendo apenas abençoada pelo pai, como também pelos

outros diversos deuses do panteão egípcio, sendo até exclusivamente amamentada diretamente por uma delas. Marcando a ligação da soberana com o mundo divino, comprovando em cada detalhe o quanto ela era digna e capaz de governar o alto e o baixo Egito, que este era um fato já concedido pelos deuses e determinado pelo seu pai, o deus Amon.

3.1 LUGAR SOCIAL, MÉTODOS E SUAS PROBLEMÁTICAS

Entretanto, para chegarmos na história de Hatshepsut ou deste recorte em específico, foi necessário a pesquisa e leitura de estudos realizados por historiadores e egiptólogos a respeito da temática. Estas com algumas diferenças de tempo de uma para outra, como pode ser notado na análise da teogamia, em que escolhemos uma pesquisa da década de 90 e as outras duas com uma proximidade temporal de um ano ou menos. Não obstante, os três notavelmente recorreram a fontes do final do século XIX e início do XX, ciente de que são até hoje um dos principais documentos de referência a respeito deste tema. Logo, como estes foram analisados e descritos, de alguma forma vai constar a “marca” de cada pesquisador envolvido. Como afirma Certeau (1982): “certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo [...] Esta marca é indelével” (CERTEAU, 1982, p. 55). Também, diria Foucault (1996), as vontades de poder e verdade em torno de cada discurso/narrativa.

Isto pode ser visualizado nas referentes escolhas para a narrativa divina da soberana em questão. Partimos de Certeau (1982) para demonstrar a partir das respectivas pesquisas que o historiador é conduzido durante a narrativa histórica, a partir de um lugar social, uma prática e uma escrita. Dando ênfase, principalmente, ao lugar social e como este se faz presente na produção historiográfica, e o que ele concede ou não. Pois, apesar do historiador não ser neutro, existem métodos que devem ser seguidos na elaboração do texto, esses que inclusive também diferenciam a história da literatura, porque a história é construída diante das fontes documentais, das presenças e ausências, e da seleção destas, e a literatura é ficcional.

Sabemos que no decorrer do século XX a História, a partir do movimento da Escola dos Annales (como já citado anteriormente) ganhou muitas nuances, desde

abrir o leque para uma história interdisciplinar, indo além de uma história tradicional-factual, até o entendimento do próprio historiador não ser uma pessoa neutra na sua pesquisa e atividade escriturística. O historiador no seu tempo presente seleciona os documentos (escrito ou não escrito), analisa este que é um fragmento do passado, problematiza, e a partir de suas escolhas de documentos e seleção, escreve e narra a história. “No momento mesmo em que são narrados, transformam-se em histórias, sínteses narrativas (efeito da seleção, organização, sínteses) [...]” (NETO, 2010, p. 08).

Segundo Jenkins (2001), o passado (este escrito e narrado) é um trabalho realizado por historiadores que estão com a cabeça no presente. Explicando como o fazer historiográfico está implicado também com o lugar social e histórico em que o historiador pesquisador se encontra (o presente), embora sabendo que existem métodos a serem seguidos. Como Dalazona e Lipinski (2021) destacam, o historiador “[...] produz sua concepção em relação a determinados acontecimentos a partir de uma base epistemológica fundamentada por meio dos métodos [...]” (DALAZONA; LIPINSKI, 2021, p. 316).

No entanto, durante este processo de narrativa histórica em que o historiador problematiza determinado tema, a partir do seu tempo presente, lugar social e seguindo métodos, devemos refletir sobre uma questão: de onde estamos falando e sobre qual o tempo histórico estamos querendo realizar a nossa análise, principalmente quando este tem uma grande distância do nosso presente? Pois, afinal, quando escrevemos sobre o passado, devemos ter mente alguns pontos relevantes, como por exemplo: qual o recorte histórico escolhido? Quais suas principais características ou quais principais princípios e ideologias presentes naquela determinada sociedade ou civilização?

A partir do afirmado por Albuquerque Júnior (2007), “o historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 61), precisamos ter o cuidado para não cairmos em um dos maiores pecados do historiador que é o anacronismo, ou sermos influenciados excessivamente pelos nossos ideais, presentes no contexto histórico em que estamos inseridos, durante o processo de escrita.

Este ponto foi problematizado na década de 90 por Jacq (1998) em relação à pesquisa sobre o Egito Antigo e a soberana Hatshepsut quando o historiador relata

que apesar da história da faraó ser grandiosa, às vezes pelo próprio imaginário egiptológico (termo usado por ele), ela foi descrita como ambiciosa e uma mulher perseguidora do faraó Tutmés III (algo que historiadores também fizeram). Mas, esclarece, o Egito possuía outros princípios divergentes dos nossos, e colocar sobre aquele nossas indignidades, por estarmos inseridos em um contexto histórico com outros ideais, é algo errôneo (JACQ, 1998).

Características essas que estão presentes na escrita e análise do texto de Sales (2015), aqui investigado. Apesar de concordar que o reinado da faraó foi próspero e de grandes realizações, ele afirma por vezes no decorrer do seu texto que Hatshepsut não teria ascendido ao trono sem ajuda e auxílio masculino, como importantes funcionários e homens envolvidos com o clero, além de demonstrar também estranheza quanto à mesma por ser mulher e ter sido enterrada no Vale dos Reis, lugar designado para os faraós homens do Egito Antigo (SALES, 2015). O historiador destaca ainda que a narrativa do nascimento divino teria sido uma propaganda para sustentar a faraó no poder, como pode ser observado na citação a seguir:

A ficção político-ideológica representada nas eloquentes cenas de Deir El-Bahari constitui, pois, um exercício ímpar de propaganda, destinado justamente, como referimos, a promover e sustentar alguém que, de outra forma, nunca deveria ter ascendido ao poder. Coadjuvada por influentes partidários masculinos, Hatchepsut apresentou-se como filha física de Amon, miraculosamente concebida, predestinada ao exercício da realizada (SALES, 2015, p. 133).

Quando ele diz: “de outra forma, nunca deveria ter ascendido ao poder” (SALES, 2015, p.133), torna-se questionável se o egiptólogo não estaria sendo influenciado pelos seus princípios e lugar de fala (masculino) quanto à análise em questão. Diante que, como se tem conhecimento, e sendo anteriormente mostrado nesta pesquisa que as mulheres na civilização egípcia antiga exerceram cargos relevantes e possuíam certa autonomia, liberdade e, inclusive, poder, como os exemplos das faraós citadas. Pontos presentes, além disso, pela própria mitologia egípcia, em que as mulheres tiveram papéis importantes, como o caso de Tefnut, ligada às nuvens e a umidade atmosférica, e também a poderosa Sekhmet, a deusa da vingança e da punição.

A historiadora Lazzarotto (2016) destaca também algo parecido ao defendido por Sales (2015), quando ela traz que: “fato é que ela conquista o trono do Egito

através da intervenção do clero de Amon” (LAZZAROTTO, 2016, p.26). Diante de que, quando ocorria de os deuses comunicarem algo por meio dos oráculos, quem interpretava eram os sacerdotes e suas opiniões eram de grande relevância (LAZZAROTTO, 2016).

Duas questões ainda ressaltadas por Lazzarotto(2016), é quando primeiro ela relata que as deusas e as mulheres possuíram (na sua visão) um lugar secundário quanto à narrativa divina, e segundo quando ela alega que o reinado de Hatshepsut teria sido uma co-regência, onde ela dividia o poder com Tutmés III.

Isto ocorre por existirem algumas representações em relevos que eles são representados de forma semelhante, como faraós. De acordo com Jacq (1998), isso teria ocorrido por Hatshepsut vincular Tutmés III perante alguns relevos em ocasiões de abertura de um novo santuário ou em atos oficiais, e que também eram apresentados como faraós, se estabelecendo como um casal, este composto não por uma esposa e um marido, mas como de um casal de soberanos. Jacq (1998) relata também que não houve uma usurpação ou conspiração para a soberana chegar ao trono e nem intriga entre eles.

Certos analistas evocam o início do reinado de Hatshepsut como uma espécie de revolução provocada pela “usurpadora” e imaginam sombrios conluios que conduziram ao afastamento de Tutmés III [Tutmés III]. A documentação prova que estas efabulações tão românticas são destituídas de fundamento. Nem revolução, nem purga, nem guerra civil, nem usurpação... Apenas uma mulher reconhecida como faraó e, segundo desejo de Amon, capaz de “exercer a benéfica função régia no país inteiro”. Tutmés III [Tutmés III] permanece associado a certos ritos e actos oficiais [...] (JACQ, 1998, p.78-79) (*sic*).

Porém, o que gostaria de evidenciar aqui diante dessa explanação é a grande complexidade envolvida sob a história de uma mulher que foi faraó e esteve no mais alto poder do Egito Antigo. O quanto às opiniões a respeito da soberana divergem ou se assemelham uma da outra, como alguns concordam e defendem uma audaciosa coragem de Hatshepsut, como outros discordam, associando seu poder ao masculino, mesmo existindo evidências de que outras mulheres teriam ascendido ao trono na civilização egípcia.

Então, porque colocar ainda Hatshepsut em um lugar em que Cleópatra (infelizmente) inúmeras vezes foi referenciada? Como uma mulher lembrada por ter chegado ao poder pela sua relação com o masculino e que sem este não teria indo longe, do que ser lembrada pelo seu poder, força, sabedoria e coragem? O que nos

faz refletir sobre uma questão discutida por Barros (2010), em que ele traz a ideia de polifonia (quando um texto tem diversas vozes) para dialogar a respeito da prudência que devemos ter ao lidar com as nuances dos documentos históricos, sem deixar a nossa voz “infectá-las”, embora com aspas, visto estarmos intrínsecos/as naquilo que produzimos, alinhavamos.

Perceber polifonias no discurso requer sensibilidade, mais ainda do historiador, já que ele lida com planos polifônicos envolvendo várias épocas. Entre as várias vozes com as quais irá lidar está a sua mesma. É preciso não deixar que esta sufoque as vozes históricas sobre as quais tem a responsabilidade de trazer à vida [...] (BARROS, 2010, p.98-99).

Evidentemente, sabemos que o papel do historiador na escrita histórica não é neutro e nem deve ser. No entanto, Barros (2010) debate sobre o cuidado que precisamos ter nas nossas análises, diante dos métodos que devem ser seguidos no nosso fazer historiográfico, pelo fato que: “não podemos fugir do limite imposto pelo nosso arquivo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 64), muito embora também possamos problematizar suas ausências, ambos os movimentos feitos nesse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que o Egito antigo foi uma civilização em parte diferenciada de algumas outras da antiguidade, diante de como era visualizado o papel feminino na sociedade. As mulheres no Egito antigo possuíam papéis de autonomia, independência, poder e liderança. Essas ocuparam lugares e exerceram profissões, como de: comerciantes, dançarinas, musicistas, médicas, juízas, mordomas reais, administradoras, entre outras. Sendo ocupado, além desses, o lugar de mais alto poder de todo o Egito antigo, o de faraó das duas terras. Demonstrando que as mulheres egípcias não eram apenas senhoras do lar, elas também estiveram em lugares de grande relevância, prestígio e autoridade.

Umas dessas mulheres foi Hatshepsut, uma princesa que se tornou rainha e depois faraó, após a morte prematura do seu esposo Tutmés II. Ela se tornou primeiramente regente e depois se intitulou faraó do Egito, evidenciando durante toda sua trajetória até o trono e posteriormente que era uma mulher capaz e digna do trono como qualquer outro homem que já esteve neste alto posto. E ela irá evidenciar de melhor forma a partir do que será chamado de teogamia do nascimento divino, encontrado até os dias atuais no seu antigo templo em Deir El-Bahari, localizado na antiga Tebas, de nome Djoser-Djoseru.

Pontuamos a partir de três análises historiográficas como isso teria acontecido e como o próprio deus Amon teria almejado grandiosamente esta tão querida filha e prometido desde o ventre de sua mãe que o trono do Hórus vivo seria futuramente dela, se tornando um elemento de comprovação que ela era também digna por causa do elo paterno com um dos deuses mais importantes do panteão egípcio.

Diante das pesquisas historiográficas escolhidas para tal propósito de análise, problematizamos como o lugar social, a prática e a escrita implicam na narrativa histórica, partindo dos princípios fundamentais do fazer historiográfico, tendo utilizado como base teórica Michel de Certeau, José d'Assunção Barros, Durval Muniz de Albuquerque Júnior e alguns outros autores para isso, como Michelle Perrot, que problematiza o esquecimento da história perante as mulheres.

Para tanto, esperamos que esta pesquisa seja uma contribuição para a historiografia, especialmente brasileira, pois, infelizmente ainda (como já citado) é escasso o número de pesquisas a respeito desta temática. Com o intuito, além

disso, de evidenciar e incentivar mais debates sobre os lugares e papéis que as mulheres egípcias exerceram e os cargos que elas ocuparam. O que nos permite compreender que elas foram pessoas de muita relevância, coragem e poder, sendo um dos grandes exemplos a faraó Hatshepsut, da XVIII Dinastia do Egito Antigo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.
- BARROS, José d' Assunção. Fontes históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectiva sobre os novos tempos. **Albuquerque: Revista de História**, Campo Grande, v. 2, n.3, p. 71-115, jan-jun, 2010.
- BARROS, José Costa D' Assunção. Os historiadores e o tempo: a contribuição dos Annales. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.19, n.30, p. 182-210, 1º sem, 2018.
- BLANC, Claudio. **O grande livro da mitologia egípcia**. Barueri, São Paulo: Camelot, 2021.
- CARIA, Thamís Malena Marciano. Aspectos da condição feminina no Antigo Egito. **Revista Mundo Antigo**, Campos dos Goytacazes, n. 01, v. 02, p.93-106, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DALAZONA, Flávio José; LIPINSKI, Heitor Alexandre Trevisani. A narrativa historiográfica: Um espaço de prática e da constituição de sentido. **Revista Ars Histórica**, n. 21, p. 312-334, jan-jun, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GODOY, Arlida Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 3, n. 3, p.20-29, mai-jun, 1995.
- JACQ, Christian. **As egípcias. Retrato de mulheres do Egito faraônico**. Tradução: Maria Bragança. Portugal: ASA, 1998.
- JACQ, Christian. **O Egito dos grandes faraós: história e lenda**. Tradução: Rose Moraes. Brasil: Bertrand, 2010.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.
- LAZZAROTTO, Gabriella. **“Que ela possa reger as duas terras, que ela possa conduzir todo o vivente”**: uma análise da teogamia de Hatshepsut como filha de Amon. Orientador: Prof. Anderson Zalewski Vargas. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- NAVILLE, Édouard. **The Temple of Deir el Bahari: Parte II**. London: Egypt Exploration Fund, 1896.

NETO, Regina Beatriz Guimaraes. Historiografia & narrativa: do arquivo ao texto. **Revista Clio**, UFPE, v. 1, n. 28, 2010.

NOBLECOURT, Christiane Desroche. **A mulher no tempo dos faraós**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de. Formas de representação das candaces na cultura material em Kush (I AEC e IEC). **Naerco: Revista Eletrônica de Humanidades**, Rio de Janeiro, n.02, v.12, p. 89-115, 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9 n. 18, p.09-18, ago-set, 1989.

ROBINS, Gay. **Las mujeres em el antiguo egipto**. Tradução: Marco V. García Quintela. Espanha: Akal, 1996.

SALES, José das Candeias. O nascimento divino de Hatchepsut: elementos de um mito político. *In: Política (s) e Cultura (s) no Antigo Egipto*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2015, p.87-142.

SOIHET, Rachel. História da Mulheres. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399-428.

SOUSA, Aline Fernandes de. **A mulher-faraó: representações da rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação (Egipto antigo século XV a.c)**. Orientador: Ciro Flamarion Santana Cardoso. 2016. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense Instituto de Ciências Humanas e Filosofia Pós-Graduação em História PPGH, Niterói, 2010.

SOUSA, Aline Fernandes de. O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão. **Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, p.1-6, agosto, 2008.

WIEDMANN, Amanda B. **A questão de gênero na literatura egípcia do IIº milênio a.c**. Niterói, 2007. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ZANCO, Amabile helena. As mulheres da Corte Persa: A representação da alteridade nas Histórias de Heródoto. Simpósio Nacional de História, 31, Rio de Janeiro, 2021. **Anais...** (p. 1-12).